



VESTÍGIOS DE UM CÁRCERE

Terêncio Sony



VESTÍGIOS DE UM CÁRCERE

Terêncio Sony



Copyright ©Embondeiro Editora, 2022

Título: Vestígios de Um Cárcere

Autor: Terêncio Sony

Contactos do autor

Email: Terenciosony7@gmail.com

Facebook: Terêncio Sony

Instagram: Terenciosony_

Edição e Paginação

Lourival Miguel

Design de Capa

Bondi Kiala

Revisão

Jack da Silva Pedro

Execução Gráfica

Embondeiro Editora

Marketing e Publicidade

Kuvala – Serviços de Psicologia e Educação

ISBN

978-989-33-3240-5

1ª Edição Digital

Maio de 2022



EMBONDEIRO Editora, 2022

Avenida Directa do Patriota, nº 732 Honga. Luanda – Angola

Contactos: +2449264547/Email: editoraembondeiro@gmail.com

É expressamente proibida a reprodução de qualquer parte do texto, sem autorização por escrito do autor.

Dedico este livro ao meu irmão
Artelino Tomás José (in
memoriam), que muito contribuiu
com o seu amor, carinho,
conselhos e ensinamentos, para
que eu, me tornasse o homem que
hoje sou.

Agradeço a Deus de infinita bondade, aos meus pais, ao Lourival Miguel, ao Dr. Eliseu Ernesto, aos meus familiares e amigos, por todo apoio prestado a minha pessoa em todos os momentos. Minha gratidão!

“Seja a mudança
que você quer ver
no mundo”

Dalai Lama

Índice

E lá em casa dos avós?!	8
Audácia de um sonhador.....	15
Alimentados pela miséria	22
Um assalto a vida.....	34
Compradores de virtudes	41
Negra Noite	47
Um sonhador impetuoso	56
O encontro de verdades e mentiras	64
Sobre o Autor.....	78



E lá em casa dos avós?!

Era uma manhã cinzenta, tranquila e linda. Mabanza aproveitou a ocasião da sua visita na casa dos avôs, que ficava a vinte quilómetros da sede do município de Quitexe, para partilhar o seu sonho com eles.

— Bom dia, avôs! Tenho algo para partilhar convosco — disse Mabanza.

— Bom dia, neto! Pode dizer — Respondeu o avô Sakossengue.

— Senta e fala — Acrescentou a avó Julieta.

Vestígios de Um Cárcere

— Queridos avós, sonho em transformar Quitexe num município digno de se viver, onde o sofrimento não seja a identidade do nosso povo. Para o efeito, terei de tornar — me oponente dos actuais dirigentes de Quitexe — Confessou o sonho, Mabanza.

Os avós ficaram muito espantados com o que tinham acabado de ouvir, e rapidamente respondeu o avô Sakossengue:

— Falaste o quê, Mabanza? — Perguntou — Quitexe se encontra num buraco e ninguém nunca conseguiu fazer nada. Os que tentaram se deram mal meu filho, hoje estão debaixo da terra — Terminou, avô Sakossengue.

— Sakossengue, aleke ntu mia nzenze ka mitwanga mwamba ko¹— Acrescentou a Avó Julieta conhecendo a teimosia do seu neto.

— É verdade! Diz — se dos jovens não se conformam com os conselhos dos adultos — reforçou, Avô Sakossengue.

— Eh, avós! Estão a exagerar — Disse Mabanza — Sempre falo no Avô que não é tera mas sim terra — Fez piada com a pronúncia do Avô.

¹ Os jovens são como cabeças de grilos que não suavizam os temperos.

Terêncio Sony

Mabanza ficou cabisbaixo por causa da reação dos seus avós, apesar de ele já ter pressagiado o posicionamento deles relativamente ao assunto.

— A população de Quitexe precisa ser libertada das garras destes opressores, estes homens não querem o nosso bem, Avós. Por favor, apoiam — me! — Suplicou Mabanza, com a cabeça sobre o colo da Avó Julieta que acariciava os seus cabelos duros e ondulados.

Apesar do gesto de súplica feito por Mabanza, os seus avós continuaram a encarar o seu desejo como inconsequente e muito ousado. No dia seguinte, Mabanza levantara muito cedo, despertado pelo canto dos pássaros e o cacarejar do galo, para ir ao encontro do seu melhor amigo Sacutunga, que também morava na sede do município de Quitexe. Mabanza tentou sair veladamente da casa dos avós para não acordá — los, mas foi surpreendido porque eles já encontravam — se na sombra da mangueira de eleição, tomando o café da manhã.

— Óh já estão acordados?! — Perguntou Mabanza — Bom dia, avós! — Cumprimentou.

— Bom dia, meu filho — Respondeu Avô Julieta — Como dormiste — Perguntou.

Vestígios de Um Cárcere

— Dormi bem, Avó! — Respondeu Mabanza.

— Para onde vais tão cedo? — Perguntou avô Sakossengue admirado porque Mabanza não costumava a levantar — se tão cedo.

— Vou ao encontro do Sacutunga, Avô. Quero muito conversar com ele — Respondeu Mabanza.

— Senta ainda para comer, filho — Convidou avó Julieta.

Mabanza sentou — se com os avós, e degustou as iguarias da terra — mãe que a avó Julieta tinha confeccionado.

A Avó Julieta serviu o café quente e forte nas canecas e distribuiu a banana assada, o safú e a jinguba sobre os pratos. Ela sabendo que o neto gostava de jinguba de uma maneira admirável, serviu a maior quantidade no prato do Mabanza, de modo a satisfazê — lo.

— Já vou. Até mais tarde, cuidem — se! — Despediu Mabanza aos avós, após a refeição.

— Vai com Deus — Abençoou avó Sakossengue — Manda cumprimentos para o jovem Sacutunga. E tira aquele pensamento da cabeça — Concluiu.

Terêncio Sony

— Eh Avó! Ainda voltaremos a falar sobre isso. — Respondeu Mabanza com um sorriso rasgado nos lábios.

E lá foi Mabanza ao encontro do seu amigo Sacutunga transportado pela sua motorizada que ele apelidou de Cavalo negro. Quando Sacutunga viu Mabanza a chegar pela janela da sua casa rés-do-chão, mas que parecia um segundo andar por estar no ponto mais alto de Quitexe, dirigiu – se rapidamente ao quintal para recebê – lo de maneira eufórica como de costume. Os amigos felizes pelo reencontro, trocaram muitos abraços e disseram um ao outro palavras de apreço motivadas pelas saudades que sentiam.

— Seja bem – vindo, meu amigo. Já estava com saudades, os meus dias são melhores quando estou contigo. — Disse Sacutunga.

— Obrigado, irmão. Isto é recíproco. — Agradeceu Mabanza — Como tens passado? — Perguntou

— Tenho passado bem graças a Deus. E você amigo? — Perguntou Sacutunga.

— De igual modo, Companheiro — Respondeu Mabanza — Almejo falar contigo sobre o meu grande sonho — Acrescentou.

Vestígios de Um Cárcere

— Pode falar, meu irmão. Sou todo ouvido! — Respondeu Sacutungua.

— Ontem partilhei o meu sonho com relação a Quitexe aos meus avós e, eles não me apoiam tal como nós imaginávamos. Não sei o que fazer, o apoio deles é muito importante para mim, irmão — Disse Mabanza.

— Sei mano, nem precisavas dizer — me. Mas não fique desmotivado, tens que concretizar o teu propósito, ajudar — te — ei no que for necessário, sabes que estou contigo — Encorajou — lhe Sacutungua.

Mabanza sentiu — se confortado com as palavras do seu grande amigo e viu nelas a motivação que precisava para colocar as mãos na massa.

— Lutarei por isso mesmo que os meus avós não queiram, tenho que fazer alguma coisa pelos meus confrades — Disse Mabanza.

— Não acho certo iniciares essa luta sem o consentimento do Avô Sakossengue e da Avó Julieta — Disse Sacutungua — Infeliz é o jovem que não leva em consideração os conselhos dos mais velhos. Pois, ouvir a voz da experiência é uma das melhores

Terêncio Sony

armas para se evitar certos problemas da vida — Concluiu sua recomendação.

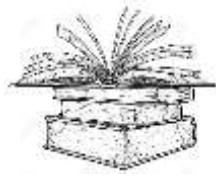
— Sei, Irmão! Não quero contrariar o desejo dos meus avós. Mas a situação vai obrigar — me a fazer isso. Começarei a agir agora mesmo — Disse Mabanza.

— Óh agora! — Exclamou Sacutunga — O que pensas em fazer, amigo? — Questionou.

— Irei a sede da administração de Quitexe, para ter um momento de prosa com o Senhor Muai. Podes acompanhar — me? — Perguntou Mabanza.

— Eh! Mabanza, achas mesmo que o administrar vai nos receber? — Eles só receberam pessoas que julgam ser importantes. Mas vamos lá tentar. — Disse Sacutunga.

Mabanza ligou o motor do Cavallo negro e colocaram — a caminho da administração. Foi uma viagem difícil, a areia era abundante naquele caminho, o que dificultava o trajeto de qualquer motorizada, até mesmo de carros.



Audácia de um sonhador

Chegando na administração pintada a tijolo, Mabanza bateu a porta de alumínio delicadamente usando o dedo médio e o indicador. Foram atendidos pela secretária do senhor Muai, uma mulher esbelta, com um corpo que desafiava as curvas da Serra da Leba e abanava a sua peruca front laser volte e meia a directa, volte e meia a esquerda. Mabanza cumprimentou mui respeitosamente a moça e expôs o desejo de falar com o senhor administrador.

– Bom dia, Senhora! Desejamos falar com o senhor administrador.

Terêncio Sony

– Quem são vocês? Quais são os vossos sobrenomes? – O meu chefe recebe apenas figuras emblemáticas de Quitexe, o que vocês não são pelos vistos. – Respondeu a secretária revestida de jactância e senso de julgamento destorcido.

Mabanza e Sacutunga indignados com o que estavam a ouvir, olharam – se e abanaram as suas cabeças.

– Vamos embora, mano – Disse Sacutunga – Este lugar sempre foi palco de humilhação de pessoas da classe baixa, está claro que nunca seremos bem – vindos aqui – Lamentou.

– Não vamos, meu amigo. A fragilidade e o conformismo que domina a população de Quitexe, constituem o sustentáculo dos maus tratos dos dirigentes para com os pacatos cidadãos. Ninguém pode conformar – se com a exulceração para satisfazer os caprichos de outrem. – Frisou Mabanza inconformado com as ofensas da secretária.

De seguida, aproximou novamente a receção e pediu que a secretária os anunciasse ao senhor Muai.

– Senhora, Quitexe é um município que se diz ser democrático, e nós, na qualidade de cidadãos, temos o direito de cá vir quando necessário para exarar as nossas preocupações ao

Vestígios de Um Cárcere

Senhor administrador – Neste contexto, não iremos embora enquanto não falarmos com ele frisou Mabanza.

O Senhor Muai encontrava – se na sua sala listando novas quantias para surripiar da população. Ele, não abstia – se da elegância. O seu fato preto da Zara combinava com os seus sapatos castanhos e o brilho da pulseira de ouro no seu pulso encandeava o reflexo do sol pela janela.

– Que jovem chato! Fiquem aqui, vou perguntar ao chefe se quer receber – los. – Respondeu a secretária admirada com a terminação e temeridade com que Mabanza falava. Admiração que culminou com uma olhada trinta e cinco que só as mulheres sabem dar.

Dirigiu – se então a secretária para a sala do seu chefe, que ficava no segundo corredor a direita e bateu a porta de bandeira. Enquanto esperava a permissão do senhor Muai para entrar, retocou rapidamente a maquilhagem e subiu um pouquinho mais a saia para chamar a sua atenção.

– Chefe, desculpa – me, sei que o senhor ordenou para não passar a anunciar os insignificantes do município, mas tem dois jovens na recepção que querem falar a todo o custo com o Senhor – Disse a secretária – Tentei de tudo para expulsá – los e não

Terêncio Sony

tive êxito. Em conformidade com os seus aspectos, me parecem ser mais uns desses jovens kunangas que aqui vêm clamando por emprego – Concluiu.

– Era muita paz para ser verdade, esses famintos nunca me vão deixar em paz, mande – os entrar para ver se os despachamos, tenho coisas mais importantes para fazer. – Respondeu o Senhor Muai melindroso, com os pés sobre a mesa do seu escritório.

– Jovens, podem entrar. Serão recebidos, sejam rápidos porque o meu chefe tem muitos afazeres, a sala é na última porta do segundo corredor a directa – Falou a Secretária.

Mabanza e Sacutunga dirigiram – se a sala do Senhor Administrador Muai. Posto lá, este não deu nem se quer tempo aos jovens de cumprimenta –lo e começou logo a ataca – los com palavras ásperas.

– Mas quem são vocês que tanto desejam falar comigo? – Perguntou – A minha secretária disse – vos claramente que não recebo pessoas insignificantes como vocês. O que viestes cá fazer sem se quer marcar uma audiência? – Perguntou novamente.

Vestígios de Um Cárcere

Sacutunga olhou para o Mabanza com os seus olhos acastanhados e grossos, colocou as mãos sobre a boca e pensou “não foi falta de aviso, eu sabia que seria assim”.

– Somos filhos de Quitexe, Senhor! Sendo assim, temos o direito de cá vir para que possamos expor as nossas preocupações, da mesma sorte gozar do direito que a lei nos auferir de expressar as nossas opiniões relativamente a estabilidade do nosso município. – Respondeu Mabanza com a capacidade reflectiva e argumentativa que o caracterizavam.

– Direito até tens, caro jovem! Mas aqui quem dita as regras sou eu, falarás se eu quiser ouvir, e não aconselho – te afrontar – me de tal maneira, esqueceste que estás diante da entidade máxima de Quitexe? – Retrucou o Senhor Muai, ofendido com a resposta de Mabanza.

– Senhor, não lhe faltei com respeito em nenhum momento, mas o senhor já foi rude para comigo e o meu amigo. Somos apenas jovens preocupados com rumo do nosso município e com o bem – estar colectivo, especialmente dos munícipes mais vulneráveis. – Respondeu Mabanza.

Terêncio Sony

O Senhor Muai pôs – se a gargalhar, coçou a sua careca, pôs de volta a camisa dentro das calças que a sua pança expulsara e de seguida respondeu – lhe:

– Davas um bom político, esse teu espírito de heroísmo até faz – me pensar por alguns minutos que queres o meu lugar, rapaz. – Falou senhor Muai ironicamente – Mas como todos sabem, ninguém pode tirar – me dessa cadeira, essa terra domino na palma da minha mão e me foi dado um poder absoluto sobre ela – Afirmou categoricamente.

– Se eu fosse o senhor não teria tanta certeza, temos pessoas capazes aqui, eu mesmo farei o que for necessário para acabar com o sofrimento do meu povo – Respondeu Mabanza.

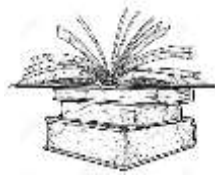
Ao contrário de Mabanza, que falava com o Senhor Muai sem medo, estava Sacutunga morrendo de medo dele, medo do homem que não tinha compaixão por ninguém e esbanjava prosápia. Para que não cruzassem os olhares a todo o momento, Sacutunga aproveitava – se da sua baixa altura para esconder – se por trás de Mabanza que possuía dois metros de altura.

– Vamos embora, mano. Já não consigo respirar neste lugar, estou completamente desconfortável – Alvitrou mais uma vez, Sacutunga.

Vestígios de Um Cárcere

Enquanto tudo acontecia na sala do senhor Muai, a secretária aproveitou o momento em que se encontrava sozinha, com a certeza de que ninguém a encontraria para tirar os seus melhores toques de dança, ao som do músico folclórico Socorro.

– Está bem! Vamos mesmo, já não temos nada a fazer aqui. – Mabanza ouviu o seu amigo e abandoaram o local.



Alimentados pela miséria

Quando os amigos tornavam – viagem para casa, depararam – se com uma senhora a dormir ao relento num papelão com sete filhos. Filhos que não se lembravam do último dia que a alimentação fez uma visita aos seus estômagos, filhos que frequentavam regularmente um restaurante chamado lixeira onde os pratos eram gratuitos mas as consequências eram muito caras, filhos cujo sorriso singelo de uma criança e o direito de sonhar lhes foi tirado pela fome que assolava Quitexe, fome que os afortunados do município consideravam relativa. Filhos que até mesmo o direito de uma identidade lhes foi negado, filhos que a indigência obrigou a crescerem apressadamente para que carregassem um fardo que

Vestígios de Um Cárcere

não os pertencia. Alimentar – se para eles não era uma certeza diária, era um milagre. Quando passava alguém de boa fé e lhes dava alguma coisa para comer, eles ganhavam o dia. Não tinham bens para dar como retribuição dos favores, eles pagavam com a emoção imensurável que se fazia sempre acompanhar de lágrimas. A mãe nada falava, pois, as palavras lhe tinham sido roubadas pelo sofrimento, apenas ajoelhava – se diante dos benfeitores e levava os braços para os céus como sinal de gratidão. Os dois, ficaram muito chocados com o que estavam a ver.

– Vês, meu amigo! É por estas e outras razões que devemos libertar o nosso povo das garras da elite de Quitexe – Disse Mabanza, com os olhos mergulhados em lágrimas e com uma nota de dois mil kanzas nas mãos para entrar na Senhora.

– Indubitavelmente, meu amigo. Mas não será uma tarefa fácil, pois, aqueles que se acham deus deste lugar, tudo farão para desencorajar – nos e tornar impossível a nossa missão. – Respondeu Sacutungua.

– Tenho a noção disto. Mas como diz os adágios sobejamente conhecidos, o bem vence sempre o mal e a união faz

Terêncio Sony

a força. Juntos somos um grupo, sozinhos somos uma sombra — Disse Mabanza.

Depois de levar Sacutunga para a casa, Mabanza decidiu passar algumas horas no local onde refugiava-se para cogitar, aquele lugar era o seu lugar de eleição para reflectir e falar com Deus. Era uma montanha, que fazia uma fotografia incrível da miséria de Quitexe, concomitantemente ilustrava a coragem de um povo que guerreava incansavelmente contra as adversidades daquele lugar, lugar onde o fogo e a panela não namoravam se não capotasse um camião de arroz.

No dia seguinte, Mabanza foi novamente a casa dos seus Avós para contar o que tinha acontecido no escritório do líder de Quitexe. Quando ele chegou próximo da casa dos avôs, o cachorro do casal apelidado de Sacaíta, conhecendo o barulho do Cavalo negro começou logo a latir. Mabanza empurrou a porta de chapa do quintal com o braço directo, estacionou a motorizada e passou a mão sobre a cabeça de Sacaíta que lhe deu as boas – vindas abanando a cauda incansavelmente.

Nervoso e preocupado por não saber qual seria a reacção dos avôs, respirou fundo, e cumprimentou:

Vestígios de Um Cárcere

– Avós, ontem fui no escritório do Senhor Muai – Disse Mabanza.

– A Nzambi²! – Exclamou avó Julieta.

– Foste lá fazer o quê, Mabanza? – Perguntou avô Sakossengue.

– Fui para ter uma conversa civilizada com o Senhor Muai. Mas infelizmente ele não é capaz de ter um diálogo ameno com os pobres como nós, tratou – nos muito mal. – Respondeu Mabanza.

– Não foi falta de aviso, meu neto! Essas pessoas nos tratam assim desde que assumiram a liderança de Quitexe – Frisou avô Sakossengue.

– Kana yanga ku yadidi ko³. – Comentou Avó Julieta em provérbios de sua língua materna.

– A tua Avó tem razão, a soberba nos deixa cair tarde ou cedo. O Muai vai cair um dia – Disse Avô Sakossengue.

– Por isso mesmo, Avós. Está mais do que na hora de darmos um basta para estes abusos, avô – Disse Mabanza – As

² Deus.

³ Se governares não te ensoberbeças, tudo tem um fim.

Terêncio Sony

acções desumanas que vem da administração destes senhores, mortalizam os nossos valores e os nossos sonhos, por favor, deixam – me fazer alguma coisa – Suplicou novamente.

– Está bem! Você é já homem grande, mas vai com cuidado. – Comentou Avô Sakossengue, preocupado com o neto.

Peso embora o Avô Sakossengue tenha entendido Mabanza e dado o seu consentimento, a Avó Julieta recusava – se a condescender a ideia do Mabanza. Apesar do dia ensolarado, que provocava um calor infernal no município, Mabanza resolveu visitar o orfanato no qual prestava ajuda após a conversa com os avós. Ele ajudava na alfabetização dos adolescentes e jovens.

– Avós, já vou. Quero ir visitar o orfanato que costumo ajudar com a alfabetização. Lussala Kyambote⁴ – Despediu.

– Está bem, meu neto. Gostamos dessa ajuda que você dá para eles, continua. Quando ajudamos os outros também ajudamos a nós mesmos. – Comentou avô Sakossengue com sentimento de orgulho do neto.

– É verdade! – Concordou avó Julieta.

⁴ Fiquem bem

Vestígios de Um Cárcere

Mabanza, ao ver que os avôs tinham muito orgulho dele, encheceu – se de felicidade e pôs – se a caminho do orfanato bastante animado.

Quando ele chegou no orfanato, deparou – se com uma situação que mais uma vez cortejou o seu coração em mil pedaços e que tirou – lhe toda a alegria que sentia. Ele, encontrou as crianças isoladas e tristes por causa da falta de alimentação. Pois, o orfanato estava há muitos dias sem receber doações.

Mabanza ficou completamente devastado com a situação e, retirou – se do local mais decidido do que nunca em fazer alguma coisa pelo seu povo que dia pós dia encontrava cada vez mais no precipício.

– Meu Deus, dá – me força e sapiência para conseguir ajudar o meu povo – Pensou Mabanza.

No dia seguinte, Mabanza reuniu – se com o seu amigo Sacutunga, com o objectivo de architectarem um plano premente de acção.

– Meu amigo, temos que agir logo. – Disse Mabanza.

– Certo, agora começo a olhar para a situação na mesma perspectiva que você meu amigo. De facto, temos que lutar pela

Terêncio Sony

alternância de Quitexe e a liberdade das mentes dos nossos confrades que se encontram aprisionadas pelo regime opressor – Respondeu Sacutunga.

– Certo, juntos levaremos este barco a bom porto. – Disse Mabanza.

E lá estavam os jovens entusiasmados e esperançosos com a prosperidade colectiva em Quitexe. Eles, não perderam mais tempo e começaram a colar em prática as suas ideias. Mabanza e Sacutunga, começaram por convocar uma reunião com todos os jovens do município, pois, almejavam primordialmente ter contacto com os jovens do município na perspectiva destes serem o baluarte para a construção de um município melhor. Os amigos, tencionavam moldarem as consciências de outros jovens, fomentarem o senso crítico e a capacidade sugestiva para eles. Os jovens tiveram a sorte de contar com presença de muita gente. A população já não conseguia esconder a curiosidade que estava a flor da pele. Quando eram doze horas, hora marcada para o encontro, já lá estava um número considerável de jovens. Estes, organizaram – se em forma de ciclo, colocando Mabanza e Sacutunga no centro, espectantes para ouvi – los.

Vestígios de Um Cárcere

– Votos de um bom dia, meu amado povo! Primeiro queremos agradecer – vos por se fazerem presentes neste encontro, estamos muito felizes por isso. – Saudou Mabanza.

– Mas qual é o motivo deste encontro? – Perguntou um dos jovens que lá estava.

– Calma meu amigo – Disse Sacutungua ao jovem – sabemos que estão todos ansiosos por saber a razão desta convocatória, o Mabanza vai explicar já. Só pedimos a atenção de todos – Acrescentou.

– Família, jovens como eu, organizamos este encontro a fim de conversarmos relativamente a situação do nosso município, que não é nada plausível. Pensamos que chegou a hora de lutarmos pelos nossos direitos e melhoria das nossas condições de vida. Essa luta começa com a abolição do regime opressor instalado pela liderança do Senhor Muai, não podemos continuar a ser dirigidos por pessoas que não se importam com a prosperidade colectiva, aqueles que sacrificam todos nós para concretizarem os objectivos particulares. Os princípios democráticos são atropelados por décadas e, diante dessa atrocidade, os principais prejudicados somos nós. E, são ainda duas vezes mais as nossas crianças que estão a ser tiradas o

Terêncio Sony

direito a educação, lazer, saúde e da harmonia familiar. – Explicou Mabanza a razão do encontro a população.

– Se continuarmos calados, limitados na observação de tudo que acontece aqui, jamais alcançaremos a melhoria da qualidade de vida que tanto desejamos – Acrescentou Sacutunga.

O argumento dos jovens, deu vida a uma certa motivação e interesse na população em fazer alguma coisa por ela.

– Viva a liberdade! Viva a liberdade! Viva a liberdade! – Gritava a população motivada.

O encontro culminou com a união da população, união por uma causa que a todos interessava, tal como, Mabanza e Sacutunga haviam perspectivado. Depois da actividade terminar, os amigos, encheram – se de felicidade pelo sucesso da mesma.

– Acho que demos um passo significativo, Irmão. – Comentou Mabanza.

– Indubitavelmente, Irmão. – Respondeu Sacutunga.

A actividade foi considerada um marco histórico pelos anciãos da comunidade, pois, segundos eles, ninguém antes tivera o tamanho atrevimento – atrevimento de proferir a

Vestígios de Um Cárcere

verdade que colocaria a própria vida em perigo. Outrossim, nunca tinham visto antes na comunidade um jovem comprometido com o bem – estar de todos e com ricos valores.

O evento teve uma repercussão estrondosa por todo o município. Tanto é que, não demorou muito para que o Senhor Muai e a sua equipa soubessem do sucedido. O Senhor Muai ficou tão furioso e surpreendido que convocou também a sua equipa para uma reunião – reunião onde deu recomendações severas para bloquear os passos de Mabanza e do seu amigo Sacutungua.

– Bom dia, seus incompetentes! – Cumprimentou Senhor Muai.

– Bom dia, excelência! – Responderam os seus subordinados trémulos.

– Como deixastes que aqueles pirralhos dessem um passo tão significativo como aquele? – Perguntou Senhor Muai – O que foi que eu vos tinha dito? – Acrescentou.

O silêncio invadiu a sala e ninguém conseguia nem se quer tossir.

Terêncio Sony

– Estou a falar com vocês caramba! – Gritou Senhor Muai. – E posteriormente quebrou um vaso de vidro que encontrava – se ao lado do seu retrato.

– Excelência, tentamos seguir à risca as recomendações do Senhor, mas aqueles jovens são duas vezes mais inteligentes do que nós. Se o chefe nos permitisse estudar, também usaríamos a inteligência como eles. – Respondeu o subordinado mais corajoso sem medo.

– Mas é verdade, yha! – Disse o outro subordinado apoiando – se nas palavras do seu colega.

– Calem as bocas! Quem vos disse que para ganhar uma guerra é necessária inteligência? – Perguntou Senhor Muai – Nós nunca usamos a inteligência, a lei, tampouco a honestidade para alcançar os nossos objectivos, idiotas e agora não será diferente. – Concluiu.

– Quais são as novas ordens, chefe? – Perguntou o primeiro homem da segurança máxima.

– Vamos tirar esses camaradas no nosso caminho usando todos os recursos, todas as manobras possíveis e imaginárias. Incluindo a morte se necessário – Disse Senhor Muai

Vestígios de Um Cárcere

furiosamente – Começam já a montar os esquemas se não querem estar todos no olho da rua – Alertou.



Um assalto a vida

A partir daquele dia o Senhor Muai começou a ver as coisas diferentes na cidade, o despertar da população começou a tornar-se um facto dia – pós – dia. Por outro lado, estava Mabanza e Sacutunga a conquistarem a população da cidade com as suas boas intenções.

O Senhor desesperado com o insucesso dos planos que a sua equipa architectava contra os amigos, decidiu punir Mabanza com alguma coisa que o quebrasse o coração a mil pedaços.

Noite de Domingo, avô Sakossengue e avó Julieta, estavam placidamente sentados de baixo da árvore de eleição, árvore que oferecia um vento que convidaria qualquer um, a um sono

Vestígios de Um Cárcere

profundo e tranquilo. Mas ambos, aproveitaram a bondade da mãe natureza para relembrar os eventos que mais marcaram as suas vidas, a convivência familiar e as aventuras da juventude. Enquanto conversavam, a Avó Julieta penteava os seus cabelos platinados pela idade e o Avô Sakossengue estava tentando sintonizar-se em algum canal radiofónico para ouvir os noticiários. De repente ouviram um barulho de ensurdecer os ouvidos, era barulho do arrombamento da porta chapa do quintal. O Sacaíta começou a latir incansavelmente, ameaçado com uma pedra colocou-se logo em fuga.

– Nzambi ame⁵! – Exclamou avó Julieta – Isso é o quê? – Questionou – se.

– Só podem ser bandidos Julieta – Deduziu avô Sakossengue.

Quando eles levantaram para tentarem entender o motivo do barulho, entraram dois indivíduos fortes que se faziam acompanhar com armas brancas e outros objectos contundentes. Estes, pediram que os avós os acompanhassem no interior da casa, mas eles mostravam resistência. Foi então que os dois jovens encapuçados levaram os dois de maneira coerciva. Dentro

⁵ Meu Deus.

Terêncio Sony

da residência os avôs começaram a ser brutalmente espancados. Enquanto um tapava a boca da Avó Julieta para evitar que os gritos se ouvissem pela vizinhança, o outro pegou o Avô Sakossengue deu – lhe dez golpes seguidos com o joelho direccionados ao abdome, quando ele caiu abraçando o chão começou a dar – lhe vários pontapés na cabeça. O Avô Sakossengue já não movia – se. Insatisfeito, o agressor pegou na sua faca e escortejou o pescoço dele friamente. Ao assistir a morte dolorosa do marido, a Avó Julieta desmaiou. Apesar disto, a vida não lhe foi poupada, o senhor que a segurava pegou na sua faca, levou-a para cima com o seu braço e posteriormente desceu a mesma com bastante pressão para o coração dela. Os dois foram mortos impiedosamente.

Depois de assinarem o avô Sakossengue e a avó Julieta, um dos marginais perguntou ao outro:

– Wy, o que faremos com os corpos?

– Vamos queimá – los para não deixarmos evidência, vai parecer incêndio – Respondeu outro marginal.

E assim procederam, pegaram no petróleo que a avó Julieta usava para fritar o bombom e torrar a jinguba que comercializava, e foram despejando em todos os objectos que

Vestígios de Um Cárcere

facilmente fomentariam as chamas e depois acenderam. A casa começou a ser invadida pelo fogo e os marginais colocaram – se em fuga.

Depois de alguns minutos a vizinhança começou a perceber que a casa deles estava a arder em chamas. Enquanto alguns procuravam entrar em contacto com Mabanza imediatamente, os outros tentavam apagar as chamas com água e areia.

– Socorro! Socorro! Socorro! – Gritava desesperada a vizinhança.

Quando o Mabanza chegou e viu a casa dos avós em chamas, ficou completamente descontrolado, assustado e preocupado. Perguntava incansavelmente:

– Onde estão os meus avós? – Alguém viu os meus avós? Avô Sakossengue, avó Julieta! – Gritava Mabanza com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Quando final os vizinhos conseguiram apagar o fogo, Mabanza correu para dentro da residência e encontrou os corpos dos avós carbonizados e irreconhecíveis no meio da sala.

– Nãooo! – Gritou fortemente Mabanza – Avós, não me deixem sozinho por favor – Suplicou.

Terêncio Sony

Mabanza chorava inconsolavelmente, acalmou – se apenas quando recebeu um abraço do seu melhor amigo. Ele ficou completamente devastado com a morte dos avós que começou a culpabilizar-se:

– Sacutunga, sou o único culpado por esta tragédia – Disse Mabanza – Tenho a certeza que isso tem que a ver com tudo que estávamos a fazer por Quitexe – Acrescentou.

– Então, desconfias que seja o Senhor Muai que está por trás disso?! – Questionou Sacutunga.

– Claro, as evidências falavam por si – Respondeu Mabanza.

– Se for o caso, o melhor é pararmos com tudo isso, pois, também corremos perigo – Disse Sacutunga.

– Não! – Descordou Mabanza – Agora é que não desisto mesmo, a morte dos meus avós será vingada com a queda desses abutres – Prometeu.

Depois de duas semanas de luto, Sacutunga, resolveu conversar com Mabanza acerca da missão que estavam levar acabo.

– Então Irmão, qual será o próximo passo. – Perguntou

Vestígios de Um Cárcere

– Temos que ser cinco vezes mais inteligentes que eles. Eles mostraram que com a violência nos podem vencer. Então, nós usaremos o conhecimento como a principal arma para atingir os nossos objectivos. A nossa principal estratégia será instigar o senso crítico na população do Município de Quitexe, de modo especial a juventude. Quando todos estiverem com os olhos bem abertos e enxergarem a realidade, tudo será mais fácil para nós – Respondeu Mabanza.

– Certo! – Anuiu Sacutungua.

– As acções que preservam o amor ao próximo, o respeito a dignidade da pessoa humana e a convivência harmónica, emanam primordialmente do ceio familiar. Todavia, devemos trabalhar afincadamente com as famílias – Argumentou Mabanza.

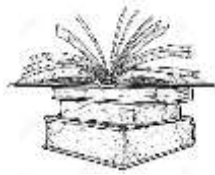
– Exactamente, é na família onde nascem os bons homens e os homens ruins – Acrescentou Sacutungua.

Uma forte chuva caía no céu de Quitexe. Era uma chuva que desafia as infraestruturas do município, infraestruturas que no orçamento custavam milhões mas que na realidade não tinham qualidade nenhuma, chuva que provocou uma escuridão assustadora que homenageava a vida sem luz e tristonha

Terêncio Sony

daquela população. Fazia um vento tão forte que fez tudo voar, só não voou a preocupação e a insegurança que se instalou nas mentes daqueles que sabiam que teriam as casas inundadas ou destruídas pela água da chuva. Era uma miséria inefável, suportada por várias décadas por aquela população. Mas, a luz da esperança nunca se apagava nos seus corações.

Mabanza e Sacutungua começaram a ter bastante êxito no projecto que desenvolverem, o que superara as suas expectativas, ao contrário do Senhor Muai, que se sentia cada vez mais encurralado e desvalorizado pela comunidade de Quitexe. Para salvar a sua pele e permanecer na direcção da cidade, decidiu chamar Mabanza para uma conversa privada. Ele, não negou o convite que lhe foi formulado. Porém, com a sua calma e educação foi ter com o Senhor Muai.



Compradores de virtudes

Bom dia Senhor, porque chamaste – me? – Perguntou Mabanza – Ambos sabemos que não gostas de mim – Acrescentou.

– Calma rapaz! – Esqueça o que aconteceu – Disse Senhor Muai ironicamente – chamei-te para uma conversa amigável – Pois, tenho uma proposta que será benéfica para os dois – Terminou.

– Óh, Não me digas! – Exclamou Mabanza.

– Digo sim – Disse o Senhor – Me podes ouvir? – Perguntou Senhor Muai.

– Sou todo ouvido! – Respondeu Mabanza com curiosidade e o olhar fixo para ele.

Terêncio Sony

– Rapaz, toma este cheque em branco e escreva a quantia que desejas para desistir da ideia de desencarcerar a democracia de Quitexe que há muito a minha equipa e eu sentenciamos a uma prisão perpétua – Disse Senhor Muai – Serás um homem muito rico, só depende de ti. – Concluiu.

– Quimera! – Exclamou Mabanza – Fostes muito infeliz ao chamar – me aqui para propor – me uma coisa dessas. A minha resposta é não. – Concluiu.

– Infeliz és tu por não aceitar o que estou a te propor. Tens nas tuas mãos a chance de mudar de vida, ao invés de aproveitar, estás a querer mudar outras vidas como se fosses Deus. Sonhas muito alto rapaz – Falou Senhor Muai.

– Senhor Muai, meu propósito para com a humanidade é maior que o dinheiro. De nada me vale ter uma vida de majestade se não posso fazer nada para dirimir os problemas dos meus consofredores. Não quero comer bife todos os dias, enquanto ao lado terei vizinhos que estarão sem nada para comer todos os dias – Frisou Mabanza.

– Que jovem teimoso! – Exclamou Senhor Muai – A tua teimosia te vai lixar a vida, não brinques comigo rapaz. – Ameaçou – A minha equipa é a única capaz de dirigir o destino

Vestígios de Um Cárcere

de Quitexe, nós fazemos os possíveis para atender as necessidades da população. Entretanto, não aceitamos críticas – Concluiu.

– A autocrítica é um dos reflexos da inteligência emocional, Senhor. – Comentou Mabanza, com a placidez que o caracterizava.

– Não preciso das tuas lições de morais. Já que não deixas de atrapalhar os meus planos a bem, serei obrigado a tomar medidas drásticas – Ameaçou senhor Muai novamente – Não és absolutamente ninguém neste município – Concluiu.

– Aí é que te enganas, Senhor! Sou as crianças, os adolescentes e os jovens que estudam em condições aterrorizantes e os milhares que estão fora do sistema de ensino. Sou os pacientes que morrem todos os dias defronte ao hospital municipal por não terem pago a famosa gasosa ou por não terem os tais ditos padrinhos na cozinha. Sou a jovem que é obrigada a prostituir –se para conseguir uma vaga de emprego. Sou o jovem formado que a burocracia da empregabilidade obrigou a engraxar sapatos algures de Quitexe. – Mabanza, vomitou seus sentimentos diante das ameaças e ultraje do Senhor Muai.

Terêncio Sony

– Saia logo daqui, Mabanza. Já perdi muito tempo contigo.

– Expulsou Senhor Muai

Mabanza assim procedeu, saiu do escritório do Senhor Muai, mais determinado ainda em dar sequência a luta árdua de libertar Quitexe que estava sob direcção de uma administração que transformava a democracia numa monarquia, pois, desta, desejava alcançar elegiacamente a perenidade do poder. O município de Quitexe foi ficando cada vez mais agitado e dividido por conta dos acontecimentos que marcavam a época. Por um lado, estava a população que preferia calar – se diante da violação dos seus direitos desde que caísse míseros Kwanzas nas suas contas. E por outro lado, estava a população que conseguiu desenvolver a capacidade crítica, reivindicava pelos seus direitos e almejava de facto uma mudança premente de paradigma em Quitexe.

Numa tarde marcada por um calor de derreter qualquer um, Mabanza ia em direcção ao rio para dar um mergulho e contemplar a paisagem em volta do rio que o inspirava. Enquanto ele caminhava, foi interpelado por um Major, o Major considerado como um dos homens mais ricos de Quitexe e o braço directo do Senhor Muai.

Vestígios de Um Cárcere

– Mabanza, porque insistes em lutar contra os líderes de Quitexe, se podes juntar – te a nós, e teres uma vida boa e digna? – Perguntou o Major.

– O Senhor, acha mesmo que tens uma vida boa e digna? – Questionou de volta Mabanza.

– Claro que sim – Afirmou o Major.

– Não acho que tenhas uma vida tão boa assim e digna. – Disse Mabanza – A dignidade leva – nos a liberdade de pensar, expressar e agir em conformidade com os princípios morais apurados. Isto é, não aceitar submeter – se a opróbrio por necessidade. – Concluiu.

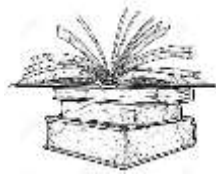
– Não vejo necessidade de expressar o que está mal em Quitexe, porque nenhum desses problemas afectam – me, vivo bem, tenho tudo e nunca passei fome. – Argumentou o Major, que tinha casa toda adornada com mobílias da Fendi.

– Senhor, dar – nos o direito a expressão é conquistar a liberdade de ser, é tomar posse de novas conquistas, é afirmar – se perante a vida, é transformar se ao encontro do outro. É preciso aprender a buscar a própria palavra como quem busca a própria identidade – Afirmou Mabanza – Desculpa – me Senhor, mas essa não é a vida que quero para mim – Concluiu.

Terêncio Sony

O Major sem mais nada a dizer, subiu na sua viatura e saiu deixando poeira por toda rua.

As reuniões com a juventude que Mabanza e Sacutunga organizavam, foram tornando – se cada vez mais impactantes e o fim último estava a ser de facto logrado, que era a mudança de mentalidades da população. Mas, quando mais êxito eles tinham, mais perigo somavam também. Numa noite de Domingo, Mabanza sofreu um atentado. Cinco homens encapuçados, invadiram a sua residência.



Negra Noite

Eram três horas da manhã quando Mabanza foi surpreendido por cinco homens que tinham em posse uma arma de fogo. Os homens aproximaram – se da casa de Mabanza, dois dos deles entraram à socapa na casa pelo tecto e os outros três, ficaram de plantão na porta e na janela, para evitar qualquer tentativa de fuga do alvo. Quando Mabanza foi despertado pelo barulho das chapas já estava um apontando a arma para ele. Neutralizado, Mabanza colocou as mãos na cabeça pedindo que o homem não atirasse para ele, propondo – lhe que dissesse o que queria e ele o daria sem objecção.

– Não viemos para negociar, só nos mandaram te fatigar –
Disse o homem que apontava a arma.

Terêncio Sony

O outro correu rapidamente em direcção a porta, abriu a mesma girando duas vezes a chave a esquerda para que os seus companheiros do crime entrassem.

— Quem mandou vocês? O que querem comigo? — Perguntou Mabanza desesperado.

— Calo a boca, seu cão. Chegou o teu dia, vais morrer! — Disse um dos homens enquanto terminava de fumar sua liamba, que lhe oferecia a adrenalina necessária para executar as suas tarefas.

Apesar do seu porte físico forte, Mabanza viu — se totalmente indefeso pela quantidade de homens que estavam a sua volta. Amarralham — lhe e começaram a espancá — lo brutalmente. Os golpes eram certos e fortes, socos da cara, pontapés das costelas e caixa torácica. A surra era só uma introdução, depois alvejaram — lhe no lado directo do abdome. Quando tentavam arrastá — lo para o exterior da casa com o bjectivo de enterrá — lo. Os vizinhos do Mabanza despertados pelo dispáro da arma de fogo do tipo AK-47 começaram todos a sair com catanas, enchadas, serrotes e outros objectivos que serviriam para a defesa pessoal. A voz dos vizinhos repetiu o grito:

Vestígios de Um Cárcere

— Bandidos! bandidos! bandidos!

Os assassinos assustados com a atitude dos vizinhos de Mabanza, colocaram – se em fuga dispersadamente conseguindo escapar dos seus perseguidores.

Mabanza foi socorrido pelos seus vizinhos. Eles, o levaram para o hospital municipal de Quitexe, um hospital onde várias pessoas acampavam pernoitando em papelões com a sereta dos mosquitos, ávidos por uma notícia dos seus familiares que se encontravam internados. Os mais desfavorecidos nunca escapava da humilhação dos funcionários, tampouco do susto que colocava os corações acelerados quando viesse um médico e perguntava: “Quem são os familiares do fulano ou do sicrâno?”. Ninguém estava preparado para o pior, peso embora soubessem que o atendimento era personalizado por familiarismo, amiguismo, ou por corrupção. Dificilmente era por profissionalismo ou pelo comprometimento de salvar vidas. As makas nunca terminavam, as greves eram uma constante, pois, os médicos queriam salários altos e os salários altos não queriam os médicos. E os choros? Os choros eram sequenciais, pois, muitos entravam e poucos saíam com vida. A morgue estava sempre repleta, congelando sonhos, projectos de vida e esperança de muitas famílias.

Terêncio Sony

Quando lá chegaram, encontraram vários policiais defronte ao hospital que barraram a entrada deles.

– Mas que raio é esse! Por que é que não nos deixam entrar se este é um hospital público? – Questionou um dos vizinhos.

– Cala a boca, seu desgraçado. Quem é você para questionar uma ordem superior? Saiam logo daqui antes que coloquemos balas nas vossas cabeças. – Disse um dos militares com prepotência e um olhar ameaçador.

Os vizinhos cruzaram os olhares e abanaram as cabeças como sinal da indignação do que estavam a ouvir e ver. E, começaram a perceber que os militares estavam a agir sob orientação do Senhor Muai. A esperança começou a desaparecer nos olhos de cada um, pois, aquele era o único hospital do município com capacidade de dar resposta a situação tão grave como aquela.

– Vamos perdê-lo – Disse um dos vizinhos.

– Não podemos permitir isso. Ele ainda é tão jovem e, é a esperança da alternância em Quitexe. – Respondeu num outro vizinho com um rio de lágrimas nos olhos.

Vestígios de Um Cárcere

No momento em que os vizinhos de Mabanza tentavam incansavelmente convencer os militares para que os permitissem entrar, passava uma velhinha defronte ao mesmo hospital, que observava atenciosamente o que estava acontecer. Minutos depois, a velha aproximou – se com os seus passos lentos e certos, em direcção a eles e disse – os:

– Tu kwenda kuna nzua ma⁶!

Os vizinhos do Mabanza, fingiram não ter ouvido nada porque julgavam que a velha não lhes podia ajudar de forma alguma. Ou seja, subestimaram – na.

– Tu kwenda kuna nzua ma. – Insistiu a velhinha com a sua voz que acarretava uma experiência de vida imensurável.

Muito depois chegou Sacutunga entrou a par da situação, dirigiu-se rapidamente ao hospital municipal.

– Sacutunga, ainda bem que chegaste! Esses militares não nos deixam entrar por ordem superior – Disse um dos vizinhos – E essa velhinha quer que levemos o Mabanza na casa dela para cuidar dele – Concluiu.

⁶ Vamos com ele na minha casa

Terêncio Sony

– Só mesmo em Quitexe yha! Onde os dirigentes monopolizam as instituições para benefício próprio. Não podemos perder muito tempo aqui, Mabanza não está bem. Só nos restar confiar na velhinha – Disse Sacutunga.

Depois de Sacutunga aceitar o pedido da velha na qualidade de melhor amigo da vítima, dirigiram-se a caminho da humilde casa da velha, uma casa decorada com caridade, hospitalidade, complacência, altruísmo e amor ao próximo, que confortava qualquer hospede.

Mabanza foi cuidado com bastante delicadeza na casa da velha. Apesar do Mabanza ser atingido com uma bala, ela com a sua enorme sabedoria, usou apenas os medicamentos típicos da região como: O malulu, mabulukutu, ytawa, maniokanioka e a santa Maria, para combater as febres, os hematomas e o ferimento que jovem tinha. Mabanza ficou três meses aos cuidados da velha e mostrou – se completamente recuperado. A velha era uma mulher de uma bonomia peculiar e um espírito altruísta incomum. Durante o tempo de convivência entre ambos, nasceu um amor incondicional. Mabanza e a velha construíram uma relação de Avó e Neto.

Vestígios de Um Cárcere

Num dia, em que o amanhecer era lento, anunciado pelo rei – sol que nasceu direccionando o charme do seu brilho a flora, Mabanza teve que despedir – se da velha que o cuidou para dar continuidade a sua missão. Foi um dia muito difícil para ele e para a velha, pois, o afeto que eles sentiam um pelo outro provocara uma saudade enorme.

– Bom dia, mãe! Vou partir hoje, mas voltarei. A senhora agora é minha Avó e eu sou teu Neto. Tondele mama, Nzambi ufuta⁷! – Agradeceu Mabanza na sua língua materna a Velha, profundamente emocionado.

A velha olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas, sorriu, e o abraçou de seguida sem dizer nada.

– A melhor maneira de agradeceres a Mãe é, continuares a ser esse filho de Quitexe que se preocupa com o bem – estar dos outros, um jovem sonhador que nunca se isenta da vanguarda dos nossos valores morais e culturais. – Disse o filho da velha, que olhava Mabanza com muita admiração.

⁷ Obrigado mãe, só Deus lhe pode pagar

Terêncio Sony

– Muito obrigado, companheiro – Agradeceu Mabanza – A bondade da tua querida Mãe reflecte – se claramente nos teus olhos – Concluiu.

– Óh, que bom! Queria ter a tua coragem e determinação. Mas o sofrimento que este lugar nos oferece, matou todos os meus sonhos e o desejo de vencer na vida. – Lamentou o filho da Velha com bastante tristeza.

– A pobreza para alguns é a assassina dos sonhos e a impulsionadora para o caminho nefasta. Ao passo que para outros, é a motivadora diária para vencer na vida – Frisou Mabanza – Nunca desista dos teus sonhos, Mano – Encorajou.

– Está bem, mano. Muito obrigado! – Respondeu o jovem.

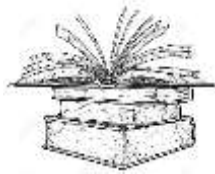
Sacutunga estava a todo momento na casa da velha para acompanhando a recuperação do seu melhor amigo. Numa conserva amena com ele no dia em que foi buscá – lo para o levar para casa após a recuperação, perguntou – lhe:

– O que faremos agora, mano? A situação tornou – se perigosa, ver – te deitado naquele estado fez nascer em mim a ideia de desistirmos de tudo isso – Disse Sacutunga.

Vestígios de Um Cárcere

– Estamos quase a vencer, meu amigo! Não podemos desistir agora porque a população despertou do sono da opressão. O pior já passou, não te preocupes – Respondeu Mabanza.

Mabanza estava completamente curado e, sem perda de tempo deu continuidade aos planos que estavam pendentes.



Um sonhador impetuoso

O Senhor Muai quando tomou conhecimento que Mabanza havia saído do perigo e que já estava em actuação, ficou desesperado porque tudo quanto vazia para eliminar ele do jogo não dava certo. Entretanto, a única solução que ele encontrara, era de treinar o seu filho para que fosse o seu substituto e grande opositor de Mabanza. Para ele, se houvesse alternância em Quitexe tinha que ser o seu filho a sucedê – lo. Assim, ele não perderia a sua vida luxosa e de pomposidade. Todavia, uma grande estratégia começou a ser criação para que o seu filho Salakiaku se torna – se o novo administrador de Quitexe.

Vestígios de Um Cárcere

Numa manhã de quinta – feira, dia ensolarado, Senhor Muai convidou todos os munícipes para que se fizessem presentes na administração de Quitexe para um momento de prosa. Na administração municipal, encontravam – se pessoas com olhares desgastados, sorrisos roubados pela miséria, uma miséria que a ninguém dava tempo de sonhar e, com corações que foram abandonados pela esperança, esperança de uma vida melhor.

Mesmo a população não mostrando muito interesse em ouvir o seu discurso, Senhor Muai com a inconfundível astúcia começou a dizer:

– Meu povo, meus irmãos, filhos e pais! A minha equipa tudo faz para dirimir os problemas de Quitexe, estamos sempre a fazer esforços para o vosso bem, porém, não sejam ingratos para connosco. Somos os únicos com capacidade de levar o destino de Quitexe a bom porto, sabemos que as coisas não estão lá muito bem, mas estamos a evidenciar políticas para ultrapassarmos isso. Vocês, querem mesmo que eu saia da administração de Quitexe? – Perguntou.

– Sim! Sim! Sim! Sim!... – Estamos cansados de ouvir mentiras. – Gritava a população revoltada.

Terêncio Sony

– Que povo ingrato! – Sussurrou o Senhor ao ouvido de um dos seus subordinados.

De seguida, com a frontalidade que o caracterizava dirigiu – se novamente a população e disse:

– Está bem eu saio. Mas quem irá substituir – me é o meu filho que vive em Luanda, ele estudou nos melhores colégios e nas melhores universidades da cidade de Luanda. Ele sim pode ocupar o meu lugar e não aquele vosso pobrezinho, que quer entrar numa aventura que não é do seu nível.

– Fora! Fora! Fora! Fora! Fora! Fora! – Gritava incansavelmente a população que encontrava-se na sede da administração.

Senhor Muai revestido de vergonha e fúria, saiu da administração municipal de Quitexe veladamente. Subiu no seu carro luxuoso, tão luxuoso que custava a prosperidade de muitas famílias do município. Chegando em sua residência ligou rapidamente para o filho que vivia em Luanda, ordenando – o que voltasse em Quitexe.

– Alô! Filho, não há tempo para muita conversa, amanhã tens que estar aqui em Quitexe – Falou o Senhor Muai.

Vestígios de Um Cárcere

– O que se passa pai!? Por que é que tenho de voltar agora com tanta emergência? – Perguntou Salakiaku espantado com a decisão repentina do pai.

– Não faça tantas perguntas rapaz. Faça apenas as malas e dirija – se para cá amanhã, já tem um Lexus a tua disposição e podes comprar o que lhe apetecer, os gastos são por conta do estado – Respondeu Senhor Muai.

Salakiaku obedeceu as ordens do pai. Quando eram oito da noite, estava ele na estrada rumo a Quitexe. A viagem do Jovem não foi um mar de rosas, devido o tapete asfáltico que tinha mais buracos do que uma mina de diamantes.

– Meu Deus! – Exclamou Salakiaku – Como é que as pessoas chegam aqui nessas condições? – Indagou – se.

O motorista que o levava olhou para ele do retrovisor e preferiu não comentar. Quando eram quatro da tarde pontualmente, Salakiaku chegava a Quitexe. O jovem foi recebido como um verdadeiro príncipe, com todas as honras e caprichos. Chegando a residência do pai, Salakiaku o encontrou deitado no sofá com um charuto cubano e um copo de whisky puro sobre a mão. Apesar de Salakiaku ser um indivíduo bem

Terêncio Sony

esclarecido e viajado, ficou boquiaberto com excesso de luxo da casa do pai.

– Uau! – Exclamou Salakiaku – Até mesmo lá em Luanda nunca me tinha deparado com tamanho luxo Pai – Acrescentou.

– Ah! Para com isto, filho – Pediu o senhor Muai – Ainda temos coisas melhores, aqui é só para relaxar quando estou estressado – Concluiu.

– Que bom! E não temos vizinhos porquê? – Perguntou o Salakiaku.

– Queria tranquilidade, razão pela qual, mandei partir todas as casas dos mortos de fome que aqui moravam – Respondeu senhor Muai.

Quando o senhor recepcionava o seu filho, Mabanza e Sacutunga, trabalhavam em outras dinâmicas para implementar no projecto de alfabetização que abrangia todas as famílias, de modo especial as famílias mais vulneráveis de Quitexe. Projecto este, que estava já a dar frutos significativos.

– Pai, por que mandaste – me vir para cá afinal de contas? – Perguntou o Salakiaku curioso em saber o motivo que levou o pai a chamá – lo as pressas.

Vestígios de Um Cárcere

– Filho, os planos estão susceptíveis a mudanças em função das necessidades. Chamei – te para seres o meu sucessor na administração de Quitexe, este maldito povo cismou em colocar na balança o meu trabalho, ou seja, já não se simpatiza com a minha pessoa e clamam por alternância – Respondeu senhor Muai.

– E como entro nisso, pai? – Questionou Salakiaku.

– A ideia é eu abandonar o poder para enganá – los, porque na verdade tudo que farás será decidido por mim. O que implica dizer que eu continuarei a administrar Quitexe atrás das tuas costas – Respondeu senhor Muai.

– Mas as coisas não serão tão fáceis, filho. Temos um opositor, peso embora seja pobre é, muito inteligente e carismático – Alertou senhor Muai.

– Não te preocupes, pai. Aquele tal de Mabanza não pode contra nós, ele é pequeno diante de nós. Nunca nos vencerão, temos dinheiro e influência, podemos tudo – Respondeu Salakiaku.

– Meu filho, ikivondanga disu ka kikalanga kia neneko. O que danifica o olho não é necessariamente grande coisa – Disse Senhor Muai.

Terêncio Sony

— O que queres dizer com isto, pai? — Questionou Salakiaku.

— Quero dizer que não existem pequenos inimigos, rapaz! Temos que estar sempre preparados para que não sejamos surpreendidos pelo o inimigo que subestimamos — Respondeu Senhor Muai esclarecendo a dúvida do filho.

No dia seguinte, Mabanza e Sacutunga, saiam da alfabetização solidária e encontraram — se com um grupo de jovens que moravam nas imediações da administração municipal, que os chamaram para contar o que o senhor Muai tinha anunciado no encontro com os munícipes. Era tempo de colheita, porém, os jovens saiam das lavras dos seus pais onde cada um colheu os frutos e os alimentos que a terra os oferecera. Eles vinham desfilados com cestos nas costas, sacos na cabeça e alguns materiais de cultivo nas mãos.

— Mabanza, Sacutunga! — Chamaram os jovens — Por favor, um minuto da vossa atenção — Pediram encarecidamente.

Mabanza e Sacutunga, amáveis como sempre, estacionaram o cavalo negro e aproximaram — se aos jovens para ouvir o que estes tinham a lhes dizer.

— O Senhor Muai discursou hoje na da administração municipal, onde deu a conhecer a todos que está disposto a

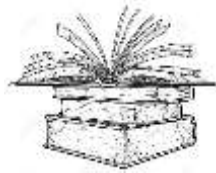
Vestígios de Um Cárcere

deixar a liderança de Quitexe mas com a condição de que o seu filho, um tal de Salakiaku, que vive em Luanda seja o seu sucessor – Disse um dos jovens do grupo.

– Oh! – Exclamou Sacutunga – Aquele senhor é mais ambicioso do que eu pensava, quer tornar Quitexe num património familiar – Acrescentou.

Mabanza e Sacutunga agradeceram os jovens pela informação que lhes foi concedida e continuaram a viagem. No caminho, Sacutunga mostrou – se preocupado e perguntou ao Mabanza:

– Qual será a nossa estratégia para contra – atacar o novo esquema daquele senhor, Mano?



O encontro de verdades e mentiras

Convidarei o tal Salakiaku para um duelo em forma de debate na praça do município. Aí, veremos quem dirá palavras que haurem do amor ao próximo a população e quem dirá palavras envenenadas de ambição e interesse particular – Respondeu Mabanza.

– A ideia me parece muito boa – Disse Sacutunga – Será que dará certo? – Questionou.

– Tenho a certeza que sim, Irmão. – Afirmou Mabanza – Já temos em Quitexe uma população que consegue discernir o bem e o mal, e identificar os discursos bonitos que nunca se fazem

Vestígios de Um Cárcere

acompanhar de ações concretas e significativas equivalem há nada. – Concluiu.

Três dias depois, Mabanza, foi ao escritório do senhor Muai, para comunica – lo o desafio que pretendia proporcionar ao seu filho e, coincidentemente encontrou também Salakiaku por lá.

– Bom dia, senhor Muai! – Cumprimentou Mabanza.

– Julguei que tinha sido claro quando te tinha dito que não és bem – vindo aqui, Mabanza – Disse Senhor Muai.

– Oh finalmente estou diante do famoso Mabanza!? O heroizinho de Quitexe. Ah! Ah! Ah! – Ironizou Salakiaku.

Mabanza, não se deixando levar pelos insultos de Salakiaku, limitou–se simplesmente em ouvi – los e ignorá – los.

– Serei curto e objectivo, vim até aqui para convidar o teu querido filho, para um duelo em forma debate, que terá lugar aqui mesmo na sede da administração municipal. Assim, teremos uma disputa honesta e sem hostilidade, quem convencer a população com a sua verdade e intenções, vence. – Sugeriu Mabanza.

– Não tens medo de passar vergonha pelos vistos, como podes tentar competir com alguém que estudou na melhor

Terêncio Sony

universidade do país enquanto tu tens um diploma dessas universidades mesquinhas do país. – Perguntou senhor Muai, aos risos.

– A boa estrutura arquitectónica de uma universidade não condiciona a competência de ninguém. A competência de um estudante é condicionada pela sua dedicação, inteligência e valores que este cultiva – Frisou Mabanza.

– O meu filho conhece o mundo, já viajou por vários países. Ele, indubitavelmente está acima de ti – Disse senhor Muai.

– Conhecer o mundo está muito além de pisar os seus quatro cantos. É conhecer a sua essência e o seu real propósito. E, isso só é possível se nos deixarmos guiar por Jesus – Frisou Mabanza.

– O meu filho vai humilhar – te, rapaz – Disse senhor Muai.

– Pelo meu povo nenhuma humilhação deixar – me – á cabisbaixo, estou disposto a ir até ao fim com isso – Disse Mabanza.

O Senhor Muai direccinou os olhos para cima, colocou as suas mãos na cintura suspirando de nervos e pensou “Veremos

Vestígios de Um Cárcere

qual será o distinto em que essa tua boca e heroísmo barato que levará, puta que te pariu”.

– Está bem. Será como queres! – Respondeu Senhor Muai.

O Senhor Muai estava tão confiante pelo facto do seu filho, ter estudado na suposta melhor universidade do país, o que ele não sabia, é que o Salakiaku não frequentava as aulas. Passava a maior parte do tempo nas discotecas, em estúdios musicais e em hotéis com diversas mulheres.

Salakiaku sabendo perfeitamente da sua incompetência, tentou de várias maneiras fazer com que o pai recusasse o desafio de Mabanza mas não teve êxito. Foi então que pensou em corromper o seu ex – colega para elaborar o seu discurso artificioso, com os termos mais bonitos e distintos da Língua Portuguesa, de modo a impressionar, enrolar e convencer a população.

No dia seguinte, o município completo tomou conhecimento do duelo em forma de debate entre Mabanza e Salakiaku, que realizar-se-ia na sede da administração local. Todos os munícipes estavam muito expectantes e ansiosos, pois, interessava a todos saber qual dos dois sujeitos venceria.

Terêncio Sony

Uma semana depois, um dia marcado pelo calendário em doze de Abril de dois mil e vinte e um, e o relógio marcava nove horas da manhã, estava tudo preparado para o tão aguardado duelo em forma de debate entre Mabanza e Salakiaku. A praça do município estava repleta de pessoas, pessoas que sonhavam em ter uma vida melhor. Era a famosa praça do barulho, onde diariamente cada um dava o seu melhor para não sair de mãos vazias, lá acontecia tudo e mais alguma coisa. Apesar da sua dimensão, a praça naquele dia foi um lugar pequeno para albergar toda a multidão que lá se encontrava. Os mais baixos subiram por cima das bancadas para que pudessem ver e ouvir o Salakiaku e o Mabanza. Foi montado um pequeno palco com madeiras onde os anfitriões pudessem discursar.

Após a chegada dos anfitriões, o moderador do debate deu por iniciar o evento e convidou Salakiaku a começar com o seu discurso conforme o programa. O Senhor Muiai preocupado com a performance do filho, chamou Salakiaku num canto antes de subir no palco para lhe passar uma dica usando um provérbio.

Vestígios de Um Cárcere

— Meu filho, dizem os mais velhos — Kana bakama mu koko, lenda vuluka, kana bakana munwa vonza⁸. — Frisou Senhor Muai.

— E isso agora, pai!? Sabes que eu não entendo nada dessa vossa língua esquisita. — Perguntou Salakiaku aflito por não perceber o que o pai falava.

— Filho, quero dizer que é melhor sermos pegos em qualquer parte do corpo menos pela boca, a boca nos condena, Portanto, seja prudente nas suas palavras — Argumentou Senhor Muai.

De seguida, Salakiaku dirigiu — se a população que se encontrava no local e começou a falar:

— Meus confrades, bom dia! O principal compromisso do meu pai enquanto a entidade máxima de Quitexe sempre foi velar pelos interesses de todos que aqui estão e, enquanto filho do homem que muito fez e faz para o bem — estar do nosso município, não me vou insentar deste compromisso. Povo de Quitexe, prometo proporcionar — vos uma vida melhor, só peço o vosso voto de confiança. O meu principal foco será a juventude de Quitexe, entretanto, trabalhei afincadamente para dar um posto

⁸ Se for apanhado pelos braços poderá ser salvo, mas se for apanhado pela boca é perigoso

Terêncio Sony

de posto para cada jovem do nosso amado município, encontrarei investidores estrangeiros para construirmos escolas, hospitais, campos desportivos, condomínios e muitas outras coisas para vocês. A palavra mentira não faz e nunca fará parte do meu dicionário, eu falo e faço! Ademais, estudei nas melhores instituições, viajei por vários países, eu vou transformar Quitexe em uma Califórnia, um verdadeiro paraíso na terra. Ilustres, dar – lhes – ei uma vida de conforto, a indigência já não será notada neste lugar, eu prometo! Todos terão o direito de criar os seus próprios negócios, darei um fim a corrupção e a impunidade. Para que os jovens não deslocam – se por vários quilómetros a pé, daremos uma motorizada para cada família de Quitexe, sem esquecer as cestas básicas que serão semanais. Confrades, auguramos que o nosso municípe faça parte dos mais desenvolvidos, todavia, faremos tudo que estiver no nosso alcance para chegarmos neste nível. Nós traçamos planos exequíveis e frutíferos. Sou filho de alguém muito importante em Quitexe. Porém, sou a pessoa ideal para ser o novo líder de Quitexe. Ademais, a minha família já não deve ser substituída da chefia deste município, somos os escolhidos por Deus para estarmos no lugar em que estamos. Não sedes ingratos, o meu pai fez muito por vocês. Quem se juntar a nós, verá a sua vida melhorada reitero. Estamos a criar nossos planos de acção, vocês

Vestígios de Um Cárcere

verão todos os vossos problemas resolvidos a curto, médio ou logo prazo. Não se deixam enganar por pessoas que nem têm por onde caírem mortos. Não falarei muito, sei que ficarão no lado certo, e o lado certo é ao meu lado obviamente — Terminou seu discurso.

– Tal pai, tal filho! – Disse por alto um jovem aborrecido, com os lábios mais secos do que a zona sul de Angola e o estômago mas vazio do que o deserto do Namibe.

– Viva! Viva! Viva! – Gritavam os munícipes que estavam a favor de Salakiaku.

Chegou então a vez de Mabanza discursar. O jovem, dirigiu – se a população e começou a falar:

– Kanda dyame “Minha família”, meu amado povo, bom dia! Estamos a viver hoje um momento único na história do nosso município. Chegou a hora de colocarmos em prática a luta pelos nossos direitos, diz um provérbio — Avo kovola, taula, e ntulu aku ibosi ivevoka⁹. — Todo o mal que afecta a nossa vida deve ser combatido a tempo, para não correremos o risco de ver o nosso estado pior. Juntos libertaremos a democracia de Quitexe que anda acorrentada há muito tempo. Eu sei que todos aqui presentes querem dar um futuro melhor aos seus filhos. Mas

⁹ Se tossir, expectore, pois assim, os pulmões lhe serão aliviados

Terêncio Sony

meu amado povo, em nenhuma parte do mundo, se conseguiu alcançar o desenvolvimento sem uma educação de qualidade, sem hospitais, sem justiça social e sem comida nos pratos das pessoas. Não temos ficar calados diante dessas situações. Baba ka lunganga nkanu ko¹⁰. Quem cala consente e quem consente é cúmplice, a nossa voz e a nossa atitude são armas poderosas que podemos usar para lutar pelos nossos directos, não precisamos usar a violência. Se continuarmos a ser medrosos e mostrarmos ser fracos nesses senhores será que conseguiremos deixar como herança uma vida orientada pela dignidade da pessoa humana as nossas futuras gerações? Não devemos nos conformar com essa paz do papel que não termina com a guerra nos nossos estômagos e essa democracia que não nos dá o direito de falarmos o que pensamos e sentimos, uma democracia que não gosta de mudança. É agora ou nunca, meu amado povo! — Futa kyalunda kaka, Mvula kiwananga¹¹. — Um assunto adiado sempre pode ser contrariado pelo surgimento de circunstâncias adversas, Nós temos o direito a uma vida digna e de qualidade. Não podemos aceitar que a educação e saúde sejam um direito para algumas e um favor para outros, Não podemos aceitar

¹⁰ O surdo-mudo não ganha um processo juridiário pois a palavra salva o réu, o silêncio o condena

¹¹ Aqueima do capim sempre adiada para mais tarde, pode coincidir com o período da chuva susceptível a impedi-la

Vestígios de Um Cárcere

esmolas ou restos enquanto o melhor fica para eles. Meu amado povo, existe uma divisão em Quitexe, por um lado temos pessoas a viverem com tudo e mais alguma coisa, com muita riqueza e por outro temos pessoas a viverem na pobreza extrema. A ambição dos nossos actuais dirigentes dá a luz ao sofrimento. Eles prometem, prometem e depois o que acontece? Não vamos nos perder nas promessas — Vova ka kulutidi ko, vanga kulutidi¹².— Os actos falam mais do que as palavras, as decisões de um governo, devem ser influenciadas pelo amor ao próximo, meu amado povo! Segundo Santo Agostinho: «Primeiro é amar. Depois de se amar, pode se fazer o que se quiser. Pois, não há perigo que esse fazer seja injusto». Isto quer dizer, que quem não ama dificilmente fará o bem para o outro. Kanda dyame “minha família”, não podemos permitir que esses senhores, continuem a matar os nossos valores, os nossos sonhos, a nossa liberdade de pensamento, de crítica e de sugestão, tampouco nos façam congelar os corações ao ponto de não termos mais amor ao próximo, que nos é recomendado por Deus — Concluiu seu discurso com lagrimas no canto do olho.

¹² Falar não é mais importante do que fazer

Terêncio Sony

– Mabanza, amigo, o povo está contigo! – Gritava eufórica e em uníssono a população ao ouvir as palavras proferidas por uma voz revestida de temeridade.

O Senhor Muai e o seu filho Salakiaku, ficaram espantados com a maneira como o Mabanza conseguiu despertar a população de Quitexe. Senhor Muai tentou dirigir-se a população para desempatar o discurso do Mabanza e a mesma não lhe quis ouvir, os seus ouvidos cruzaram – se com a seguinte palavra:

– Fora! Fora! Fora!...

Depois de doze de Abril de dois mil e um, data histórica e memorável para Quitexe, as coisas no município ganharam outra dinâmica. O povo deu um basta a miséria e aos abusos que suportou por várias décadas. O Senhor Muai, o seu filho Salakiaku e sua equipa em companhia, sentiram – se obrigados a abandonar a liderança de Quitexe.

Dois dias depois, Salakiaku com peso que importuna a sua consciência e o desejo de quer dar um rumo diferente a sua vida, foi a procura do Mabanza para que tivessem uma conversa sem hostilidade. Ele queria deixar de ser marionete do pai e seguir a sua vida construindo as suas próprias crenças.

Vestígios de Um Cárcere

– Boa tarde, Mabanza! – Cumprimentou Salakiaku – Podemos conversar? – Perguntou.

– Boa tarde! Não era suposto ouvir – te, mas eu farei isso. Força – Respondeu Mabanza.

– Mabanza, não posso voltar para Luanda sem expressar a minha profunda admiração por ti, em toda minha vida nunca tinha visto um jovem tão corajoso como tu e que tenha enfrentado o meu pai e sua equipa de trabalho como o fizeste. És muito inteligente, se me contassem não acreditaria que neste lugar há jovens tão capazes como você – Frisou Salakiaku.

– O facto de cá vires e falares isto para mim, demonstra que não és tão parecido com o teu pai. Tu ao menos sabes perder e reconhecer as valências do adversário. Ainda há tempo para mudança! – Respondeu Mabanza, surpreendido com a atitude de Salakiaku.

– Cometi vários erros nesta vida para agradecer o meu pai, me foi ensinado desde a terra idade a olhar apenas para o meu nariz, não sei o que é olhar para os outros – Disse Salakiaku – Achas que conseguirei mudar? – Perguntou.

– A vida magoa e ensina. Amar o próximo, saber lidar com os nossos próprios erros e encará – los numa perspectiva de

Terêncio Sony

motivação para uma mudança qualitativa, são uns grandes desafios que ela nos proporciona – Respondeu Mabanza.

– Obrigado! Doravante lutarei para ser diferente – Prometeu Salakiaku.

– Para que a mudança seja frutífera, devemos primordialmente jogar a sua semente nas nossas mentes. E posteriormente, esta deve brotar em nossas acções – Frisou Mabanza.

Salakiaku olhou para o Mabanza, mexeu a cabeça como sinal de concordância e partiu. Mabanza e Sacutunga conseguiram finalmente libertar a democracia que estava encarcerada há muitos anos em Quitexe, a população estava ávida por uma nova era no município.

– O Senhor Muai, ao ver que a inclusão do seu filho Salakiaku no jogo culminou em um fracasso por conta da sua consciência e incompetência, que não o permitiu lograr os resultados traçados por ele, arquitectou o plano de incluir uma outra peça no jogo, o seu outro filho mais velho do Salakiaku que encontrava – se na Zâmbia a viver e a fazer negócios, para conintuar a digladiar pelo poder, pois, ele recusava – se a aceitar a derrota.

Vestígios de Um Cárcere

Mabanza foi escolhido de forma unânime pela população para assumir a direcção de Quitexe, por tudo quanto fizera para maximizar o bem – estar da população do município. Todos estavam encantados com a sua virtuosidade e coragem. Mas apesar disto, ele não tinha o mínimo interesse de assumir o cargo tal como a população queria. Ele foi convocado para um encontro pelos sobas da região que estavam a par de toda a situação e que também sentiam satisfeitos com as mudanças que surgiam em Quitexe. Mabanza recebeu o convite das entidades supracitadas com bastante estima. No decorrer do encontro disse o Soba chefe:

— Ambuta kadi kuisila nzundu ko avo kamoni mpinu ko avo kamoni mpinu ko yovo, ambuta asisila nzundu mpinu amona¹³.

— Muito obrigado, soba chefe. Fico muito feliz! — Agradeceu Mabanza jucundo por ouvir aquelas palavras do Soba chefe.

— Então Mabanza, aceitas ser o novo administrador de Quitexe? — Perguntou o segundo da hierarquia dos sobas.

CONTINUA...

¹³ Os velhos não te teriam investido da autoriade se não te tivessem julgado capaz mas porque confiaram na tua sabedoria

Sobre o autor

Terêncio Sony, filho de José Salazar Luvunga e de Helena António, nascido aos 27 de Setembro de 1997, no município de Quimbele, província do Uíge. Primeiro filho de 6 irmãos.

Fez os estudos primários na escola 1038 e os secundários no Puniv Comandante Nzangi Kapolo I, em Luanda.

Actualmente frequenta o curso superior de Gestão de Recursos Humanos, pelo Instituto Superior Politécnico Atlântida.

Professor e Assistente em RH. Jovem comprometido com a busca incansável do conhecimento e resolução dos problemas sociais, tendo participado em vários projetos solidários e académicos como palestrante, moderador e mestre de cerimônia.





A ROBUSTEZ DO CONHECIMENTO